

CAMINHOS... DE ESCRITA

Agrupamento de Escolas de Gueifães



Nota de abertura

25 anos de escola não se fazem todos os dias. Sobretudo, quando se trata de um percurso admirável a nível de educação e formação de jovens.

Por isso, queremos, também assinalar este momento, com a edição do livro *Caminhos... de escrita*, como símbolo do trabalho e do caminho que fomos percorrendo e que juntos construímos.

Acreditando que *o caminho se faz caminhando*, fica, assim, registado um dos momentos dessa caminhada, desejando que ele sirva de alicerce na construção de cidadãos críticos e intervenientes numa sociedade que se pretende solidária e cooperante.

Este livro constitui, desde logo, a prova de que a força de vontade pode mover montanhas e de que “unidos conseguimos”, uma vez que se trata de uma verdadeira obra coletiva, fruto do trabalho de muitos elementos da comunidade educativa.

A obra, curiosamente sob o tema *Caminhos... de escrita*, é, por si só, o produto de uma caminhada, não apenas física, mas num sentido mais lato, de crescimento individual, de sensibilidades, de gostos e afeições... de pessoas que se uniram para em torno de um objetivo comum (escrever), a produzirem.

A sua diversidade, que resulta não só dos diferentes temas abordados e géneros literários, mas, e sobretudo, da multiplicidade de autores, constitui uma das suas grandes riquezas. Uma outra riqueza será, certamente, para todos os elementos da comunidade educativa, o facto de nela se reverem pois, afinal, a todos pertence.

Existe, por detrás dela, muito trabalho e muita preocupação.

Um esforço individual e coletivo, que demonstra a vitalidade do nosso agrupamento. Existe também, uma recompensa, para quem acredita que caminhando se faz escola... com muitas horas de trabalho e entusiasmo.

A todos aqueles que construíram, ao longo dos anos, o agrupamento de escolas de Gueifães oferecemos esta singela homenagem!

Esperamos que esta obra não seja o fim de uma caminhada mas, pelo contrário, o início e a alavanca para muitas outras caminhadas e publicações.

Não pretendemos que ela encerre mas que... abra caminhos!

Agrupamento de Escolas de Gueifães

Os livros

Os livros escondem,
entre letras,
mágoas e alegrias,
receios e fantasias.

Preparam o futuro,
acarinhando o presente,
guardam o passado,
vivem de sentimento.

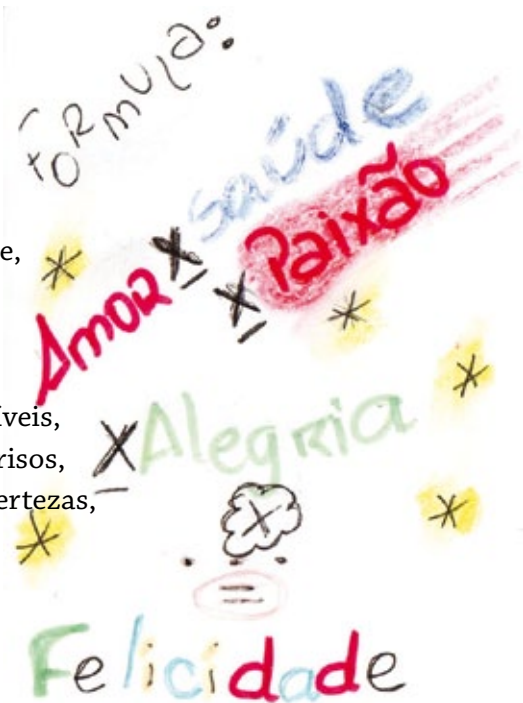
Os livros são imprevisíveis,
causam lágrimas e sorrisos,
inspiram conceitos e certezas,
traçam horizontes.

Os livros são fontes
de luz incansável,
de brisa interminável,
de saber contagiável.

Com os livros aprendemos,
a revirar as páginas da vida,
com os livros passamos,
momentos inesquecíveis.

André dos Santos Pereira Oliveira, 8ºM

Ilustração por Diana, 9º ano



Ler

Ler é imaginar,
É ter muita coragem,
Ler é sonhar,
E entrar na personagem.

A poesia é tão boa,
Ler é uma alegria!
Ter uma coroa,
É como um sonho de magia.

Ler é divertido!
Mas, às vezes é complicado...
Nem sempre apetece,
Ler um bom bocado.

Cada livro tem um tema,
Ação, romance, eu sei lá,
Ler é muito bom,
É o nosso amanhã.

Bárbara Albuquerque, EB1 de Gueifães

Ler um livro é uma aventura

Ler um livro é uma aventura,
Ler um livro é uma viagem,
Ler um livro é magia,
É imaginar uma paisagem.

Com um livro posso entrar
Em qualquer lugar
Que eu possa imaginar
Ou sonhar.

Entro num mundo sem fim
Com castelos, reis e fadas
Onde todas as pessoas são amadas.

Quem gosta de ler
Gosta de aprender,
Gosta de saber,
Gosta de o fazer!

Mariana Carvalho Coelho, 7^oC

Ilustração por Juliana Freitas, 5^o ano



A loja do Tomás

D. Arminda, mãe de uma família numerosa, deu à luz o seu sétimo filho, um menino a chamou Tomás. Humildes e com poucos recursos económicos, viviam essencialmente da agricultura e da criação de animais. Sobreviviam à custa de muito trabalho e todos colaboravam nos sacrifícios necessários para que as despesas diminuíssem. Os irmãos mais velhos eram responsáveis pelos trabalhos mais difíceis e pesados, sendo que os mais novos ajudavam nas tarefas mais fáceis e menos cansativas. Mas, apesar das dificuldades porque passavam viviam felizes porque eram uma família muito unida.

O Tomás foi crescendo cumprindo com as suas responsabilidades e quando atingiu os seis anos de idade foi para a escola primária, como todos os outros irmãos o tinham feito. Havia, no entanto, algo de diferente nele em relação aos outros, o seu gosto pela escola ultrapassava qualquer um. Tinha prazer em aprender e adorava ouvir a professora ensinar...queria sempre saber mais e mais! Era um ótimo aluno que apresentava sempre boas notas e tinha como preocupação principal estudar. Contudo, tinha também que trabalhar para ajudar a família.

A sua rotina alterou-se quando concluiu o sexto ano de escolaridade e transitou para o sétimo. Tinha que mudar de escola e os pais não podiam suportar as despesas que daí resultavam. Por outro lado, tinha que continuar a ajudar a família no trabalho tal como todos os irmãos. Durante as férias de verão não pensava noutra coisa, se não em ter de abandonar os estudos...como ia

conseguir ser feliz sem ir para escola? E esta ideia deixava-o triste, tão triste que às vezes até chorava.

Um dia, por coincidência, um dos seus professores passou por ele e reparou que o alegre Tomás que conhecia estava diferente, cabisbaixo e apático. Dirigiu-se a ele e perguntou-lhe:

– Olá Tomás, está tudo bem? O que se passa?

– Não vou mais poder ir à escola porque os meus pais não têm dinheiro para me porem lá. Como vou aprender as coisas se não posso ouvir o que os professores têm para me ensinar? – desabafa o Tomás com o seu professor.

– Tem calma, não fiques triste, tudo se há de arranjar. – salienta o professor tentando dar um pouco de esperança ao rapaz. Não perdendo tempo, começou a pensar numa maneira de o ajudar, estava decidido a apoiá-lo. Na manhã seguinte, quis certificar-se do que Tomás lhe tinha dito e foi falar com os pais, mostrando-se interessado na continuação da sua educação escolar.

– Percebi que o Tomás anda triste e que isso tem a ver com a escola. Vai deixar de a frequentar? – questiona o professor.

– Nós não temos hipótese de lhe pagar o que quer que seja, por isso não nos resta alternativa que não seja ele abandonar a escola. – afirmam desolados os pais do rapaz.

– Eu gostava muito que ele seguisse os estudos, é um rapaz com imensas capacidades e é uma pena que não as possa aproveitar. Acredito que chegaria longe!...

E continuando o seu discurso, pede aos pais que o escutem na proposta que tinha ponderado como forma de o ajudar.

– Eu e a minha esposa gostaríamos muito que ele viesse viver connosco para poder continuar a frequentar a escola mesmo ao lado. Todas as despesas seriam por nossa conta, sem terem necessidade de se preocuparem com o que quer que seja. Nas férias, estaria sempre com vocês. – refere o professor, ansioso pela resposta.

– Tem a certeza do que nos está a propor? – perguntam incrédulos os pais do Tomás.

Refletem um pouco mais e olhando um para o outro desabafam:

– Para o Tomás seria fantástico!... – concluem os pais, querendo o melhor para o filho. Mas as saudades faziam-lhes hesitar...

Agradecem a ajuda e decidem ponderar a proposta consultando e ouvindo a opinião do Tomás. Após uma conversa em família, onde todos os assuntos eram discutidos, os pais perceberam a felicidade que a ideia gerou entre todos, especialmente no Tomás. A distância deixava-o assustado com as saudades que iria ter de toda a família. Mas sendo um mal menor, aceitaram a proposta. Foi um bonito gesto de solidariedade daquele professor, com o qual não estavam a contar, e isso marcou-os profundamente com promessa de gratidão. Passado um mês, viajou então para Lisboa despedindo-se dos irmãos e dos pais com muitos abraços, beijinhos e um “Até breve!” a todos. Lá, continuou os estudos e como tirava sempre boas notas não teve dificuldade em entrar na faculdade no curso que pretendia – Gestão de Empresas. Acabada a licenciatura com notas fantásticas, o que lhe valeu de imediato o convite para estagiar numa grande empresa de exportação e, futuramente, aí trabalhar. E assim aconteceu, alguns anos passados, ele mantinha-se a trabalhar na referida empresa, ganhando um ordenado invejável, com muitos benefícios e determinadas regalias. Um sonho que se tinha tornado realidade mas que qualquer um pode desejar alcançar.

Tomás estava quase a completar vinte e cinco anos e dava consigo a pensar que tinha um emprego estável e bem remunerado, como nem no seu melhor sonho o imaginara. Tudo isto foi possível porque tive umas quantas pessoas que me ajudaram. Primeiro, os meus pais que me deram a educação e o sustento para eu poder crescer saudável. Depois, o meu querido professor que foi para mim como que um segundo pai, sem o qual não poderia ser o



que hoje sou. Sem esquecer todos os outros professores que tive, com quem fui aprendendo os assuntos que hoje fazem de mim um indivíduo mais sabedor.

Refletindo, sobre tudo isto, chegou à conclusão que estava em vantagem em relação aos irmãos pela ajuda preciosa e que lhe traçou favoravelmente o seu destino. Agora ele estava feliz e queria, por isso, fazer algo que também contribuísse para ajudar os outros a chegarem mais longe. Mas, só não sabia como!... Pensou e repensou..., chegou até a comentar com o patrão que este era agora o seu grande objetivo. A ideia depressa se propagou na empresa onde trabalhava que, de imediato, foi apoiada pelo dono e pelos amigos com quem ele falava. Iam surgindo pequenas dicas do que podia ser feito e Tomás ia registando tudo para tentar encontrar algo verdadeiramente eficaz...

O frio imenso que se fazia sentir lá fora não afetavam o Tomás que estava agasalhado e quentinho no seu confortável sofá. Rodeado de almofadas fofinhas, tinha as pernas cobertas com uma manta macia que combinava com os tons da sala. Viam-se os reflexos de uma chama agitada que se concentrava na lareira acesa e que proporcionavam um ambiente agradável e acolhedor à sala. Tranquilo no aconchego do lar, teve uma explosão de ideias para o projecto que ambicionava desenvolver e que nunca desistiu de levar à frente.

Pensou, então: – não posso estar aqui com tanto conforto, enquanto existem pessoas que neste momento estão a morrer de fome e de frio, que nem sequer umas simples meias mais grossas têm! Lembrou-se de repente que podia criar uma loja da solidariedade, onde as pessoas pudessem recorrer gratuitamente para ir buscar roupa, calçado ou outros mantimentos e bens essenciais à sua sobrevivência, como alimentos!...Tinha tudo pensado, era preciso pôr em prática o seu projeto. Falou novamente com o patrão que, por sua vez, falou com umas quantas pessoas influentes que também o puderam ajudar. Três meses passados e a loja do Tomás estava a funcionar. Era um sítio onde todos podiam contribuir dando tudo que já não precisassem e

ainda estivesse em bom estado. As pessoas carenciadas podiam usufruir dos bens distribuídos por uma equipa responsável que faria a análise da situação e ponderava as prioridades destas famílias. Nada se vendia, nada se comprava, mas tudo tinha um valor alto...alguém que tivesse desempregado e não tivesse que comer ou vestir, para si ou para os filhos, podia deslocar-se à loja do Tomás levando os bens necessários de acordo com avaliação dos responsáveis e em troca recebia um vale de cem, duzentos ou trezentos carinhos, correspondentes a dias de serviço comunitário. Seria uma forma de pagamento simbólico do que levariam: um dia, dois dias ou três dias de trabalho comunitário para os cem, duzentos ou trezentos carinhos respetivamente. Iriam ajudar numa quinta que fornecia as frutas e legumes na região, ou num lar onde era preciso ajudar a cuidar dos idosos ou, ainda, no atendimento de uma loja comercial local. Era a maneira de poderem retribuir com trabalho justo o apoio que recebiam.

A Loja do Tomás tinha também uma secção do emprego onde sempre que alguém precisasse de empregado ou emprego o podia anunciar. Tomás tinha pensado em tudo e aceitava sempre as sugestões que pudessem melhorar o funcionamento da sua loja. Estava contente por ajudar as pessoas dando-lhes o que precisavam e, ao mesmo tempo, fazendo-as sentirem-se válidas e ativas na sociedade e no seu bairro. A ideia foi bem aceite e a cooperação entre todos aumentava, sendo um exemplo de solidariedade notável. E até o ambiente agradecia, pois a reutilização das coisas que algumas pessoas já não usavam eram agora um aspeto valorizado no projeto, diminuindo o consumo, a poluição e a utilização dos recursos.

Diogo Magalhães, 7ºH

Um Natal magnífico

Era uma vez numa aldeiazinha chamada «Belíssima» que vivia uma menina chamada Mariana. Ela era muito bonita, tinha olhos cor de rio e lábios cor de tomate. A sua mãe Joaquina tinha olhos cor de esmeralda e lábios cor-de-rosa. O seu pai Carlos tinha olhos cor de sol e lábios cor de pele.

Mariana era filha única e sentia-se só. Ela tinha 9 anos e estava prestes a fazer anos no dia 23 de Dezembro. Ela já tinha tudo preparado..., mas sentia que algo estava prestes a acontecer... mas, mas o que era? Sentia-se confusa. Então virou-se para a mãe e disse:

– Mamã, sinto que algo se está a passar ou que vai ainda acontecer... mas não sei o que é.

– É o teu aniversário – exclamou a mãe.

– Não sei sinceramente o que sinto – disse pensando.

– Vai dormir, Marianinha, já está na tua hora – disse Joaquina tranquilamente.

Mariana foi dormir, tal como a sua mãe disse. No dia seguinte de manhãzinha, Mariana acordou com as galinhas. E brincou, brincou. Mas sentia-se vazia como no dia anterior.

– Despacha-te, Mariana, que às 14 horas tens que ir para a escola – disse a mãe enquanto punha os pratos na mesa.

– Já vou, mamã, deixa-me só apanhar mais um ramo de flores para a professora Cármen! - respondeu Mariana apressada.

– Sim, filha – dizia a mãe rindo-se.

Depois de almoçar, foi para a escola com o pai, porque a mãe estava a limpar a casa.

– Papá, como é que eu tenho este vazio em mim? – perguntou

A lagarta Marta

A lagarta Marta não gostava de ser gorda, mas era. Um dia comeu tantas folhas de árvore, que ficou ainda mais gorda. Então, chorou muito e a casa ficou cheia de água.



Ela quase se afogou mas o pardal Pascoal pegou nela com a pata e levou-a para a árvore onde ele morava.

Nessa árvore, havia um buraco onde não vivia ninguém e a lagarta ficou a viver lá.



O pardal Pascoal disse:

– Ó lagarta Marta, para emagreceres tens de fazer exercício e fazer dieta.

– Está bem, eu vou fazer dieta e exercício. Podes ajudar-me?

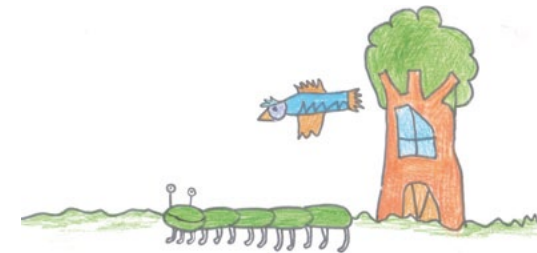
– Sim, eu ajudo-te.



No dia seguinte, a lagarta Marta começou a comer menos comida e a correr nos ramos das árvores. O pardal Pascoal estava lá à beira dela e dizia:

– Corre mais rápido!

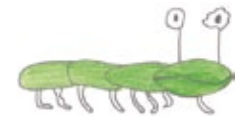
Quando a lagarta Marta se distraía e caía abaixo da árvore, o pardal Pascoal ia lá buscá-la.



Passado algum tempo a lagarta ficou mais magra e ficou muito feliz.

Teresa Carvalho

Ilustrações por Tiago Gomes



“25 anos de escola não se fazem todos os dias. Sobretudo, quando se trata de um percurso admirável a nível de educação e formação de jovens.

Por isso, queremos, também assinalar este momento, com a edição do livro *Caminhos... de escrita*, como símbolo do trabalho e do caminho que fomos percorrendo e que juntos construímos.

Acreditando que *o caminho se faz caminhando*, fica, assim, registado um dos momentos dessa caminhada, desejando que ele sirva de alicerce na construção de cidadãos críticos e intervenientes numa sociedade que se pretende solidária e cooperante...”

do prefácio pelo Agrupamento de Escolas de Gueifães